

Re(senhas)

ISSN: 3085-6434

DOI: <https://doi.org/10.71263/8ndh8a22>

**Entre cartas, narrativas, canções e poemas: Em favor de
uma filosofia Afrodiaspórica**

Juscelino Ribeiro da Silva¹
Pedro Augusto Castro Buarque e Silva²

“A educação como pratica da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender [...] temos de reconhecer que nosso estilo de ensino deve mudar”.

b. hooks

¹ Mestrando do Programa em Filosofia Profissional (PRO-FILO) do Instituto Federal do Sertão Pernambucano – IFSertão PE – Campus Petrolina Zona Rural. E-mail: juscelinojrs@hotmail.com

² Professor Doutor do Programa em Filosofia Profissional (PROF-FILO) do Instituto Federal do Sertão Pernambucano – IFSertão PE – Campus Petrolina Zona Rural. E-mail: pedro.buarque@ifsertao-pe.edu.br

Nesse breve prelúdio ensaísta, trago como eixo central a palavra conceito educação, para concatenar como movimento de superfície pequenas passagens contidas em cartas, narrativas, canções e poemas em favor de uma filosofia afrodiáspórica. Ainda que a palavra educação traga uma polissemia de respostas, neste ensaio, a finalidade do educar aparecerá como ação política voltada para uma educação filosófica emancipatória e antirracista.

Destarte, Educação, na acepção do termo, “do latim *educare, educere*, que significa literalmente “conduzir para fora” ou “direcionar para fora”³. O termo latino *educare* é composto pela união do prefixo *ex*, que significa “fora”, e *ducere*, que quer dizer “conduzir” ou “levar”. Pensando de outro modo, qual o sentido da palavra educação e seus desdobramentos quando dialogamos com outras tradições e interpretações conceituais produzidos ao longo da história. Por exemplo, os povos da tradição da filosofia kemética³, da filosofia banto, ioruba da África ancestral, da filosofia afrodiáspórica e ou dos povos originários. Ambos possuíram e possuem uma forma de educar para o mundo e para a vida, ou melhor, do cultivar como atividade fundamental da existência humana.

³ A civilização kemética ou egípcia é uma das primeiras grandes culturas do mundo antigo, remontando a tempos imemoriais.

A brevidade desse um ensaio não nos permite trazer à luz a compreensão plena do conceito educar nos mais variados contextos, da análise das diversas escolas e dos teóricos que se debruçaram sobre o tema da educação. Ou seja, devemos conduzir no entendimento de que a compreensão do educar como cultivar filosófico está para além de uma maiêutica, do espanto ou admiração, do esclarecimento etc. Essa compreensão advoga em favor de ontologias outras de encantamento em favor da liberdade.

a história das ideias e da prática da educação exige um esforço de compreender a sua própria dimensão política [...] aprofundar um tema importante como à educação, segundo as leis da erudição e do exame rigoroso dos textos, é um desafio que ultrapassa os estudos académicos que envolvem o investigador inteiro (Reis, 2018, p. 23).

É fundamental estabelecer um diálogo sobre as finalidades educacionais, sobretudo, ao estabelecer um paralelo com os fins da legislação educacional que os fundamentam. Ao refletir sobre a finalidade da educação nos mais variados contextos históricos, o conceito de política, no sentido da ação e do uso público da voz, as formas de governo em que se delinham o tecido formativo do educare e do cultivar para a liberdade no ensino-aprendizagem nos aspectos da forma e conteúdo devem operar em favor de conceitos outros.

Na situação contemporânea talvez seja mais adequado falar-se em *filosofias*, pois, face à dispersão, a Filosofia não se apresenta mais como um corpo de saber e, assim, não se propaga da mesma forma como um saber se transmite; apenas por aquisição... o que deve ser ensinado?, o que pode ser ensinado? como ensinar (Favareto, 1993, p. 97).

Por outro lado, devemos entender que as filosofias e o seu ensino devem possuir uma natureza aberta.

Compreender a natureza aberta e especulativa da filosofia é uma condição necessária para uma compreensão fecunda do seu ensino... que para se ter uma compreensão fecunda do ensino da filosofia é necessário distinguir cuidadosamente as competências estritamente filosóficas da informação histórica, e a leitura filosófica ativa dos textos dos filósofos da sua mera compreensão (Murcho, 2008, p. 80).

Pensar o educar como um conceito aberto ou como problema filosófico a partir outros prismas conceituais nos faz refletir as interrogações presentes no artigo Educação: Do censo comum à consciência filosófica (Saviani, 1996). O artigo nos convida a questões próprias da filosofia e é quando o educar aparece como problema e como necessidade.

Que é que leva o educador a filosofar? O que leva o educador a filosofar são os problemas (entendido esse termo com o significado que lhe

foi consignado) que ele encontra ao realizar a tarefa educativa... a tarefa da Filosofia da Educação será oferecer aos educadores um método de reflexão que lhes permita encarar os problemas educacionais, penetrando na sua complexidade e encaminhando a solução de questões tais como: o conflito entre "filosofia de vida" e "ideologia" na atividade do educador; a necessidade da opção ideológica e suas implicações; o caráter parcial, fragmentário e superável das ideologias e o conflito entre diferentes ideologias; a possibilidade, legitimidade, valor e limites da educação; a relação entre meios e fins na educação (como usar meios velhos em função de objetivos novos?); a relação entre teoria e prática (como a teoria pode dinamizar ou cristalizar a prática educacional?); é possível redefinir objetivos para a educação brasileira? Quais os condicionamentos da atividade educacional? Em que medida é possível superá-los e em que medida é preciso contar com eles? (Saviani, 1996, p. 23)

As perguntas levantadas não apontam para uma leitura e ensino de filosófica única, mais se trata de uma questão que é política. Nessa perspectiva, saber, ser e fazer está relacionado a crítica e às mudanças das estruturas socioespaciais. Tomo as questões e contribuições de Saviani (1996) em favor de uma transposição do olhar filosófico, ou seja, para outras filosofias, a partir de contextos outros que agenciem o ensino para uma educação antirracista. Vejamos, quando tomamos a educação a partir da tradição ocidental, a Paideia Grega (2013) diz que,

Re(senhas)

...todo povo que atinge certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado a prática da educação. Ela é princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual... a educação não é uma propriedade individual, pertence à comunidade (Jaeger, 2013, p.2).

Aqui entendo que a palavra educação é relevante a perspectiva ocidental por delinear uma ontologia de formas de saber, poder e ser. Por outro lado, para uma educação que pretenda refletir à compreensão afrodiaspórica não europeizante é necessário entender que as ontologias e perspectivas das filosofias sejam africanas e afrodiaspórica também não é uma propriedade individual, pertence à comunidade. O que se pretende é tecer caminhos em o ensino do verbo educar/cultivar filosófico incorporam outras epistemologias, conceitos e contextos, concatenando saberes necessários à construção de um arcabouço teórico conceitual dos saberes das diásporas africanas.

Se a educação visa uma construção autônoma como prática da liberdade, há a necessidade de se pensar através de outros olhares perspectivos, posto que a educação trás em si uma dimensão ética, humana e epistemológica etc. Ou seja, no ensino de filosofia, para parafrasear Ngozi (2019), não deve nos expor ainda ao perigo de uma história única. O educar para a liberdade é permitir que as gerações futuras não tenham que repetir a seguinte frase: “passei a infância num campus universitário no leste da Nigéria... Eu me

tornei leitora cedo, e o que lia eram livros infantis britânicos e americanos” (Ngozi, 2019, p. 11).

Assim a escola conversa com a palavra educar quando “na imensidão dos vãos do território quilombola, Vão das almas, Vão do moleque, vão é abismo, geralmente coincide com o corpo do rio, onde o vão também é vale”. Mas sobretudo, a Escola da Jurema no Vão das Almas figurava o abismo onde o desfazimento do barro era também tumulto, encerrava a possibilidade da escola viva no território. (Firmeza, 2022, p.20).

As palavras de Firmeza (*Ibidem*) são sobre a manutenção de uma escola viva e necessária. Nesse sentido, ela está ligada a educação que deve atender a preceitos emancipatórios. E por que a educação deve ser emancipatória? Para responder a questão recorro a dois conceitos não equidistantes no seu significado, o de Necropolítica e holocausto. Na primeira linha do ensaio Educação após Auschwitz, do filósofo alemão Theodor Adorno (1986) norteia o conceito educação como uma finalidade civilizatória em contraposição a barbárie. Diz que, “para a educação, a exigência que Auschwitz não se repita é primordial” (...). Parafraçando-o, e trazendo a luz da razão antirracista de (Mbembe, 2023), a educação, para superação do racismo é primordial. Posto que,

“a “raça” (ou, na verdade, o “racismo”) tenha um lugar proeminente da racionalidade própria do biopoder é inteiramente justificável. Afinal de

contas, mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define a história como uma luta econômica de classes a raça foi à sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou a dominação a ser exercida sobre eles... a política de raça, em última análise, está relacionada à política de morte” (Mbembe, 2023, p.18).

Por permitir o diálogo em favor da liberdade do pensar contra a política de quem deve viver e deixar de viver, o ensino de filosofia afrodiáspórica de ser conduzida a educação antirracista. Por quê? Em 1841, veio a público nos Estados Unidos, as Narrativas de Frederick Douglas (2018). Narrativas que ainda dialogam com o racismo institucional, como patologia social e como racismo estrutura (Almeida, 2019). Os relatos nos põem a pensar o que realmente nos constitui como humanos. Um senhor de escravos disse a esposa sobre os perigos de ensinar um escravo a ler:

- Se der um dedo a um crioulo, ele vai roubar o braço – forma suas palavras. –Um crioulo não deve saber nada, só a obedecer seu mestre, só fazer o que manda. O estudo estraga o melhor crioulo do mundo. Se você ensina esse crioulo (ele apontou pra mim) a ler, vai ser impossível segurá-lo. Ele ficaria arruinado para a escravidão para sempre. Ficaria indisciplinado imediatamente e não teria mais valor nenhum para o senhor... Essas

palavras penetraram o fundo do meu coração, despertando sentimentos adormecidos e trazendo à tona uma linha de raciocínio totalmente nova. Foi uma revelação nova e especial... Era uma conquista grandiosa e pela qual eu tinha o mais alto respeito. Daquele dia em diante, entendi o caminho que leva da escravidão à liberdade” (Douglass, 2018, p. 40). Acrescenta, A escravidão é uma má escola para o intelecto e coração do homem” (Douglass, 2018, p.7.)

Alguém poderia nos apontar os caminhos para a prática da liberdade e vida plena que não passe ou dialogue com o educar. Encaminharíamos o nosso olhar filosófico para o espanto, admiração ou encantamento que nos distancie da barbárie. Ou podemos deixar que o olhar das crianças nos guie pela escrita de Rubem Alves (2018).

São as crianças, que sem falar, nos ensinam as razões para viver. Elas não têm saberes a transmitir”... Para isso existem as escolas: não para ensinar as respostas, mas para ensinar as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido.

Assim, “a educação só teria pleno sentido como educação para auto-reflexão crítica... uma educação que queira evitar a reincidência haverá de concentrar-se na primeira infância” (Adorno, 2015, p. 3). Ou

Re(senhas)

deveríamos caminhar pelas orientações de Luiz Gama em uma carta endereçada ao filho,

“Meu filho...Faze-te o apóstolo do ensino, desde já. Combate com ardor o trono, a indigência e a ignorância. Trabalha por ti e com esforço inquebrantável para que este país em que nascemos, sem rei e sem escravos, se chame Estados Unidos do Brasil. Sê cristão e filósofo; crê unicamente na autoridade da razão, e não te alies jamais à seita alguma religiosa. Deus revela-se tão somente na razão do homem, não existe em Igreja alguma do mundo. (Mouzar, 2011).

Pois, para “a Filosofia, verificamos que o seu objeto são os problemas que surgem na existência humana... a filosofia só terá sentido na medida em que nos permitir explicitar a problemática educacional. Se ela ocultar a problemática educacional não estará contribuindo para preencher a sua própria função e como tal estará se traindo enquanto filosofia” (Saviani, 2006, p. 28).

Caminhos para um debate possível

Caminho para o fim de um longo começo educativo que entrelaçam questões humanas e onde não devemos dançar sozinhos. Dessa forma,

Re(senhas)

a Filosofia, verificamos que o seu objeto são os problemas que surgem na existência humana... a filosofia só terá sentido na medida em que nos permitir explicitar a problemática educacional. Se ela ocultar a problemática educacional não estará contribuindo para preencher a sua própria função e como tal estará se traindo enquanto filosofia” (Saviani, 2006, p. 28).

Assim caminharemos sempre onde um ensaio permita dialogar sobre educar como problema filosófico onde

ninguém dança sozinho! Dança com, dança para, dança junto... Dança é encantamento, é resistência, é movimento de dentro anunciado no corpo, esse parceiro que nos permite dizer quem somos. Dança é expressão de que há algo vibrando, sendo. O viver é um dançar tão bonito. Embalado por uma música sentida, mas não tocada por nós [...]Se a Filosofia é um amor, é um movimento, um sair de si, uma viagem, um caminhar, é, pois, um ponto de encantaria, é um encantamento. Não pode conquistá-la quem não sai do lugar. Quem não está aberto às suas andanças, quem não acompanha sua liberdade, quem não dá os passos, e são muitos, à sua procura. Se a Filosofia é um desejo, um precisar, somos desejantes da sabedoria, não seus possuidores. Que bonita a condição daquele que deseja e cuida, sabendo não ser dono. Que bonito é o filosofar, justamente porque é a declaração não da posse, mas da paixão, do amor, da busca (Lopes; Simas, 2024).

Nesses escritos, em que a educação foi evocada e percorrida entre cartas, narrativas e poemas, a partir da brevidade ensaística da exposição existem “plurais e diversas vozes que me provocavam a escrevivência” (Evaristo, 2022, p.11). Nesse aspecto, não me é permitido continuar olhando a filosofia como um berço catedrático de olhar europeizante no ofício do educar. Ou noutro sentido, terminar o ensaio como comecei é voltar ao ciclo de uma visão única do pensamento filosófico como se Paideia fosse o mundo. Não devemos nos abster de compreendê-la, é fato. No entanto, nos permitimos por um olhar plural em um mundo plural, dos que foram, dos que são, dos que estão por vir, sob o olhar irrequieto que a filosofia é capaz de proporcionar.

Bibliografia

ADICHIE, Chimamada Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamada Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das Letras, 2019.

ADORNO, T. W. **Erziehung nach Auschwitz**, In: – . *Stichworte*; kritische Modelle 2. Frankfurt, Suhrkamp, 1974. Trad. por Aldo Onesti.’ In: COHN, Gabriel (org). Coleção “**Grandes Cientistas Sociais: Adorno**”. São Paulo. Ática, 1986. Disponível aqui <https://goo.gl/GhhyZP>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Papirus Editora, 2012.

Re(senhas)



BENEDITO, Mouzar (2011). Luiz Gama - o libertador de escravos e sua mãe libertária, Luíza Mahin 2 ed. Página: 34 São Paulo: Expressão Popular.

DOUGLASS, Frederick. **Narrativa da vida de Frederick Douglass, um escravo americano.** Traduzido por Leonardo Poggia Vidal, 2016.

EVARISTO, Conceição, 1946- **Canção para ninar menino grande.** Conceição Evaristo. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Pallas, 2022.

FAVARETO, Celso F. **Sobre o Ensino de Filosofia.** Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v.19 n. 1, p.97-102, jan.jun./1993.

FIRMEZA, Yuri. **Composto escola: comunidades de sabenças vivas.** São Paulo: N-1. Edições, 2022.

HOOKS, Bell et al. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 2, 2017

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio. **Filosofias africanas: uma introdução.** Editora José Olympio, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** N-1 edições.13 ed. São Paulo, 2023.

MURCHO, Desidério. **A natureza da filosofia e o seu ensino.** Educação, 2002.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica. Autores Associados,** 2021.

SAVIANI, Demerval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 11ª Edição – Editora autores associados. 1996.

Revista de Filosofia, Amargosa - BA, v.24, n.2, p.114-126, junho, 2024